

# OS SISTEMAS VOCÁLICOS DO INGLÊS NORTE-AMERICANO, INGLÊS BRITÂNICO E PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Autor: Willyan Carlos Saggin<sup>1</sup>(willsaggin@hotmail.com)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Luciane Baretta<sup>2</sup>

Colaboração: Prof.<sup>a</sup> Ma. Caroline Hagemeyer<sup>3</sup>

Resumo: Tendo em vista a importância da língua inglesa nos dias de hoje, este estudo pretende analisar as semelhanças e os contrastes entre o inglês britânico e o norte-americano. As diferenças entre essas duas variações abrangem vários aspectos referentes ao vocabulário, ortografia, gramática e pronúncia. Neste trabalho serão abordadas as diferenças entre os sistemas vocálicos do inglês britânico e norte-americano, para que, ao compará-los com o sistema vocálico do português brasileiro, possa-se verificar, a partir desta análise contrastiva, qual das duas variantes seria mais fácil e mais eficaz, em termos de produção oral, para o estudante brasileiro de inglês aprender. O estudo toma como construto teórico a Linguística Contrastiva, juntamente com questões de interlíngua, e o resultado dessa comparação pode auxiliar não somente alunos, mas também professores de língua inglesa que devem optar por qual variação ensinar.

Palavras-chave: *Ensino e aprendizado de língua estrangeira; sistema vocálico; variação linguística*

Abstract: Given the importance of English today, this study aims to help teachers and students in the choice of which variation of the English language to learn, North-American or British English. The differences between these two variations cover a number of aspects related to vocabulary, spelling, grammar and pronunciation. This paper will discuss the differences between the vowel systems of British and North-american English, so that when one compares them with the Brazilian Portuguese vowel system, it can be verified, from this contrastive analysis perspective, which of the two variants would be easier and more effective, in terms of oral production, for the Brazilian student to learn. The study takes Contrastive Linguistics as its theoretical construct, along with issues of interlanguage. The result of this comparison may help not only students but also English teachers who have to choose which variation to teach.

Keywords: *Teaching and learning of a foreign language; vowel systems; linguistic variation*

## Introdução

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 4º Ano do curso Letras Inglês e Licenciatura de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras Inglês da Unicentro.

<sup>3</sup> Professora da disciplina “Laboratório de Pesquisa em Letras” para o 2º Ano de Letras Inglês na Unicentro em 2011.

O Inglês é a língua mais falada no mundo como segunda língua ou língua estrangeira (LE)<sup>4</sup>. Através deste idioma, são feitas transações e acordos comerciais internacionais. Além disso, a maioria da produção científica mundial é divulgada em Inglês. De acordo com Schütz (2010), a língua inglesa tornou-se tão importante devido à Revolução Industrial, o colonialismo britânico e o grande poder político-militar exercido pelos Estados Unidos.

“A atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial já fez com que o inglês fosse promovido de língua dos povos americano, britânico, irlandês, australiano, neozelandês, canadense, caribenhos, e sul-africano, à língua internacional” (SCHÜTZ, 2010, p.01).

Como afirma Crystal (1997, p. 360, *apud* SCHÜTZ, 2010), estimativas mais radicais, que incluem até mesmo falantes de um menor nível de proficiência na língua, indicam um número pouco maior de 1 bilhão de falantes do inglês como língua estrangeira. De acordo com Rauber (2010, p. 146), o inglês é a língua utilizada para comunicação internacional, ou seja, a *língua franca* e, devido a esse fato, o número de falantes de inglês como LE ultrapassa o número de falantes nativos da língua. Schütz (2010, p. 01) também contribui com outras estimativas nessa área. Segundo ele:

85% das publicações científicas do mundo, 75% de toda comunicação internacional por escrito, 80% da informação armazenada em todos os computadores do mundo e 90% do conteúdo da Internet são em inglês.

Contudo, devido à sua enorme abrangência em termos globais, é possível perceber que nem todos os falantes têm o mesmo modo de falar, tanto na pronúncia quanto nas escolhas referentes ao léxico. Isso se dá devido à vasta abrangência territorial onde o inglês é falado; podemos estabelecer também uma comparação com o português, uma vez que cada região do Brasil possui uma maneira específica de

---

<sup>4</sup> A distinção dos termos “segunda língua” e “língua estrangeira” não será evidenciada neste trabalho, uma vez que esta distinção não se faz necessária para o propósito da pesquisa.

selecionar vocábulos e de produção fonética/fonológica. Tantas variações linguísticas acabam por fazer com que a comunicação, em alguns casos, se torne uma tarefa não tão simples e natural. Devido a fatos como esses, é que se faz de extrema importância o estudo e o conhecimento de variações linguísticas, não apenas no que tange a língua materna (LM), mas também a língua estrangeira (LE).

No contexto específico do inglês, enfoque desta pesquisa, Kreidler (2004) menciona que as diferenças nos sotaques pertencentes à língua, assim como os de outras línguas também, têm uma relação geográfica e refletem fatores como: (a) quando os falantes nativos se estabeleceram em uma determinada área geográfica; (b) quão diversos eram em suas origens; (c) quanto contato tiveram com outros falantes do inglês; (d) e quais foram as influências recebidas por falantes nativos de outras línguas.

Tomando como base os países falantes do inglês como língua nativa, destacam-se três sotaques que são considerados os principais, pois, como afirma Giegerich (1995), foram destes que se derivaram a maior parte de todos os outros sotaques existentes e também pelo fato de serem os mais difundidos na atualidade. São eles: o Inglês Britânico, o Norte-Americano e o Escocês. Todavia, neste trabalho, de forma a abranger um objeto mais delimitado e proporcionar uma análise mais aprofundada, serão abordados apenas os dois primeiros. A seguir, de modo a fazer um levantamento sobre o que já foi estudado na área da Linguística Aplicada sobre os processos de aquisição e aprendizagem do inglês, segue uma revisão da literatura acadêmica sobre variações fonéticas do inglês, Linguística Contrastiva e sistemas vocálicos.

#### Interfonologia dos sistemas vocálicos

As duas variações do inglês em questão (i.e., a britânica e a norte-americana) podem ser abordadas sob vários pontos de vista, como por exemplo, o lexical e o fonológico. Dentro do campo fonológico, existem diferentes subáreas que podem ser subdivididas em: sistema vocálico, incidência e realização fonética (KREIDLER, 2004). Contudo, as diferenças entre as variações da língua serão abordadas neste trabalho apenas com o objetivo de analisar os sistemas vocálicos, ou, mais especificamente, as diferenças entre o número de componentes dessas variações do inglês (YAVAS, 2006, apud ZIMMER; SILVEIRA; ALVES, 2009), pois como afirma Kreidler (2004, p. 47),

“o sistema vocálico é o número de fonemas vocálicos que contrastam uns com os outros – que são capazes de diferenciar palavras” (tradução nossa). Esse ponto de vista foi adotado porque, como afirmam Giegerich (1995) e Kreidler (2004), o sistema consonantal da língua inglesa é relativamente uniforme em sua abrangência e os sotaques diferem, principalmente, na questão vocálica.

Tendo em vista as duas principais variações do inglês, a norte-americana e a britânica, esta pesquisa tem como seu principal objetivo a comparação dos sistemas vocálicos de ambas ao inventário das vogais pertencentes ao português brasileiro para que, desta forma, seja possível formular uma hipótese sobre qual dos dois sistemas “estrangeiros” possui maiores diferenças em relação às vogais do português brasileiro. Esta comparação se dá porque é levado em consideração o fato de que tais diferenças podem significar uma maior dificuldade na pronúncia do inglês por parte de aprendizes brasileiros, ou seja, pessoas que possuem o português do Brasil como língua materna (LM). O sistema vocálico do português tomado como base para esta pesquisa é o apresentado por Silva (2007), que será mostrado na seção 3 deste trabalho. O construto teórico que apóia essa comparação entre as línguas é o da Linguística Contrastiva.

É devido a diferenças fonêmicas entre as línguas que há uma grande dificuldade em falar uma LE com sotaque idêntico ao dos que possuem tal língua como LM. Zimmer (2004, apud ZIMMER et al., 2009, p. 9) descreve este fenômeno como sotaque estrangeiro:

“O sotaque estrangeiro pode, desta forma, ser descrito como o produto da ativação de padrões acústico-articulatórios que são idênticos ou muito semelhantes aos modelos pré-existentes da L1, uma vez que o aprendiz trata os itens lexicais da L2 como se consistissem de sequências de unidades acústico-articulatórias da L1.” (tradução nossa).

Isso acontece devido à tendência de aprendizes de uma língua estrangeira em associar os padrões de pronúncia, os fonemas desta língua com os da sua LM, tratando-os como se fossem iguais (ZIMMER et al., 2009). Durão e Andrade (2010, p.10) também confirmam esta informação ao afirmar que julgam difícil a possibilidade de um aluno se desvincular dos nexos com sua LM ao aprender uma LE, uma vez que esse

conhecimento já está enraizado e sempre será trazido à mente durante o processo de aprendizagem de uma LE.

Portanto, sabe-se da importância da pronúncia como um dos fatores principais para uma comunicação efetiva. É por isso que o presente estudo se faz importante, pois, dessa forma, poderá auxiliar aprendizes e professores que não sabem por qual variante do inglês optar, facilitando o ensino e a aprendizagem desta disciplina no Brasil. Uma vez que, como afirma Crystal (1997, p.360, apud SCHÜTZ, 2010), é totalmente necessário que o ensino do inglês seja feito com precisão e eficiência, uma vez que o inglês ganha cada vez mais espaço como principal língua para comunicação entre os países.

Silveira (2010, p. 13) menciona que “os estudos sobre a interfonologia português-inglês exploram tópicos relacionados a segmentos, sílaba, prosódia e ensino de pronúncia, e que os mesmos são embasados em diferentes abordagens teóricas”. Isto explicita que estudos voltados especificamente para a relação entre os sistemas vocálicos da língua portuguesa e inglesa não são muito comuns, o que reafirma a relevância deste estudo.

#### Caracterização do objeto

De modo a caracterizar melhor o objeto desta pesquisa, é importante delimitar quais sotaques serão referenciados como padrão dos modelos norte-americano e britânico, uma vez que existem inúmeras variações regionais.

Como sugerido por Giegerich (1995), o popularmente conhecido “Inglês Britânico” é considerado como a variação falada no sul e sudeste da Inglaterra, também conhecida como *Received Pronunciation (RP)*. Esse sotaque já perdeu o *status* de regional. É falado pelas classes média e alta da sociedade e é o mais utilizado no sistema educacional e na mídia televisiva. Além de tudo, é também o principal modelo da língua a ser ensinado quando se trata do Inglês como língua estrangeira.

Quanto ao Inglês Norte-Americano, utilizaremos como base o *General American (GA)*, que, como afirma Giegerich (1995), é o termo utilizado para denominar o grupo de sotaques falado nos Estados Unidos que não possui regionalismos explícitos,

isto é, o país inteiro com exceção do Leste (mais especificamente Nova York e Nova Inglaterra) e do Sul (dos estados de Virgínia, Carolina do Norte e do Sul e Geórgia até a Louisiana e o Texas). GA é o sotaque com maior difusão no território norte-americano e é também, assim como RP, o modelo utilizado nas redes televisivas de seu país.

#### Aquisição do sistema fonológico de uma LE

Com as devidas considerações feitas acima, nos preocupamos agora com a dificuldade em adquirir um sistema fonológico que difere do sistema materno, ou seja, aquele que adquirimos ainda quando crianças. De acordo com as declarações de Oliveira (2008) o fato de ter que se desvencilhar da LM ao aprender uma LE é uma tarefa árdua e o aprendiz frequentemente se encontra recorrendo aos dados da sua LM; isto é chamado de interferência. Gast (2012) afirma que o problema da interferência não pode ser negado e a melhor forma de fazer descrições gerais e sistemáticas sobre isto é através da análise contrastiva. Mori (2003, p. 151, apud OLIVEIRA, 2008) explicita o problema em questão:

O conhecimento da fonologia auxilia na aprendizagem de uma língua estrangeira. É comum, ao aprender uma língua estrangeira, usar fones da língua materna na pronúncia daquela que se está aprendendo. Entretanto, quando as duas línguas diferem em seus componentes fonológicos, podem ocorrer interferências problemáticas na prática oral da língua estrangeira.

De Grève e Van Passel (1975, p. 69), que se apoiam na mesma linha de estudos de Grannier (1998 apud SILVA, 2002), descrevem o motivo dessa dificuldade encontrada pelos aprendizes de uma LE e constatam que isto não acontece devido à diferenças nos órgãos fonadores ou a modificações fisiológicas provenientes de sistemas fonológicos distintos, mas devido às informações mandadas pelo centro cortical, este condicionado às estruturas da LM, que coordenam os órgãos fonadores. Além do mais, de acordo com autores como De Grève e Van Passel (1975), a dificuldade na aquisição de certos fonemas diferentes ao sistema da nossa LM é acentuada uma vez que o aprendiz não tem o contato constante com falantes da língua-alvo, ou seja, não tem a oportunidade de ouvir e interagir na língua-alvo de forma

contínua. Tal hipótese é também confirmada por Halliday et al. (1974, p. 168) ao afirmarem:

Convém não haver nenhum equívoco neste assunto: provavelmente será sempre um trabalho árduo aprender uma língua estrangeira, porque a língua é uma forma de atividade altamente complexa e o processo de substituir padrões aprendidos na primeira infância, mas que cessaram há muito tempo de ser objeto de atenção, por um novo conjunto de padrões diferentes em todos os *níveis*, como são em todas as línguas, exige cuidadosa observação, concentração e controle. (grifo dos autores)

A respeito da questão da aquisição das vogais do Inglês como língua estrangeira, Schütz (2008, p. 03) comenta que:

“Em sistemas fonológicos com um grande número de fonemas vogais, a diferença entre cada um tende a ser mínima, o que exige uma maior acuidade auditiva de parte dos falantes dessa língua tanto no reconhecimento quanto na produção oral. O problema é agravado pelo fato de que não existem delimitações claras e precisas entre vogais. [...] Portanto, este talvez seja o maior e mais persistente problema não apenas para estudantes de inglês como língua estrangeira que falam português ou espanhol como língua materna, mas para todos aqueles cujas línguas não possuem um número tão grande de vogais dentro do espectro vocálico quanto o inglês.”

Ainda de acordo com esta linha de pensamento, Nobre-Oliveira (2010) afirma que o estudo sobre a aquisição das vogais da língua inglesa é importante para aprendizes de diferentes origens e diferentes conhecimentos linguísticos, uma vez que a falha na percepção das vogais levará conseqüentemente a uma produção falha e, desta forma, possivelmente haverá problemas de comunicação. Tendo como base o estudo comparativo entre LE e LM, discorreremos a seguir os pressupostos teóricos da Linguística Contrastiva, área que suscitou o estudo apresentado neste texto.

Linguística Contrastiva

Este campo de estudo toma como pressuposto teórico a Linguística Contrastiva, que tem suas fundações na Hipótese da Análise Contrastiva (HAC) proposta por Lado na década de 50, a qual busca prever erros e analisar dificuldades nos processos de aquisição da língua-alvo (SILVA, 2004). De acordo com os estudos de Durão e Andrade (2010), “quando duas ou mais línguas são colocadas em contato, a língua-alvo (LA) pode ser imensamente favorecida se for associada à Linguística Contrastiva”.

A HAC tem seus pilares no behaviorismo e no estruturalismo e foca na interferência da LM na aquisição de uma LE, buscando explicar e prever as dificuldades que o aluno terá no aprendizado da LA (SILVA, 2004). Lado (apud SILVA, 2004) afirma que as estruturas linguísticas similares entre a LA e LM tendem a ser adquiridas com maior facilidade, enquanto, por outro lado, as estruturas linguísticas que não possuem similares na LM seriam mais difíceis de adquirir (SILVA, 2004). Em outras palavras, a LM facilita o aprendizado da LA quando as estruturas linguísticas forem semelhantes e interfere na aquisição quando possui estruturas linguísticas diferentes. Vandresen (1988, p.75, apud DURÃO e ANDRADE, 2010, p. 12) também discorre sobre o objetivo da análise contrastiva da seguinte maneira: “visa principalmente delinear, com precisão, as estruturas que oferecem dificuldades de aprendizagem e as que, devido a similaridades com a LM, apresentam facilidades.” Ainda corroborando com esta hipótese, Grannier (1988, apud SILVA, 2002) afirma que uma maior ou menor dificuldade no aprendizado de uma língua está diretamente relacionada à possibilidade de interferência proveniente do conhecimento linguístico anterior, ou seja, da LM. Silveira (2010, p. 11-12) também contribui para os estudos da área ao clamar a importância do grau de semelhança entre os sons da LM e da LE, uma vez que a LM funciona como um filtro do sistema fonológico da LE. Em outras palavras, o aprendiz sempre parte dos fonemas da LM para produzir os novos fonemas da LE, fazendo com que as novas produções fonéticas sejam derivadas dos sons da LM, quando, na verdade, são fonemas diferentes e independentes dos anteriores.

Um modelo que vai de encontro às ideias apresentadas pela HAC é o Modelo de Assimilação Perceptual (PAM), proposto por Fowler em meados da década de 80. Reis (2010, p. 170) sintetiza o modelo em questão da seguinte maneira:

Seu desenvolvimento se deu com base na perspectiva do Realismo Direto (Fowler, 1986) e levanta a hipótese de que a discriminação dos contrastes da

L2 pode ser prevista a partir do padrão de assimilação dos segmentos da L2 apresentado em termos de similaridades e diferenças entre as descrições fonético-articulatórias da L1 e L2. (*tradução nossa*)

Em 1980, Hawkins publicou um estudo comparativo entre a língua inglesa e a alemã, o que veio a se tornar um dos estudos mais importantes da área, pois foi sua pesquisa que impulsionou um aumento considerável na frequência de estudos contrastivos, fazendo com que a Linguística Contrastiva fosse considerada uma das teorias mais aceitas sobre processamento da linguagem (HAWKINS, 1992, 1994, 2004, apud GAST, 2012).

Em resumo, baseando-se nas palavras de Guillemas (2004 apud OLIVEIRA, 2008), a Análise Contrastiva é uma linha de pesquisa que busca minimizar os erros ocasionados pela interferência entre LM e LE e, desta forma, poder contribuir para a composição de materiais didáticos mais adequados, possivelmente proporcionando uma melhor qualidade de ensino. De acordo com Gast (2012 apud KÖNIG; GAST, 2009) a Linguística Contrastiva continua a exercer um papel importante no ensino de LE, uma vez que é parte integrante de programas de treinamento para professores em várias universidades e que vários materiais desenvolvidos para o ensino em nível universitário foram baseados nela.

Porém, assim como evidenciado no trabalho de Silva (2002), é importante ressaltar que há pesquisas, como a de Almeida Filho (1995, p. 19), que defendem a hipótese de que quanto maior a proximidade da língua-mãe e da língua-alvo, no que tange ao léxico, maior será a dificuldade no seu aprendizado, uma vez que essa proximidade proporciona uma falsa zona de conforto, que acarretará em hábitos linguísticos equivocados por parte do aprendiz. Almeida Filho (1995, p.16), citado em Silva (2002), também comenta sobre o assunto e afirma que a interferência negativa provocada pelo encontro da LM e da LE pode ser maior quando as duas línguas em questão são semelhantes, do que se o objeto da aprendizagem for algo totalmente novo. Podemos tomar como exemplo de línguas semelhantes o português e o espanhol, que, pelo fato de possuírem proximidade fonológica e lexical, podem ocasionar confusão entre os interlocutores, que tomam como certo a mesma proximidade de significação entre os vocábulos (e.g., apelido, cachorro, calar, e novela, em espanhol, significam, respectivamente: nome, filhote de qualquer mamífero, cortar e romance, em português).

Muito se questiona sobre a prática da Análise Contrastiva, contudo sabe-se que estudos dessa natureza fundamentam grande parte da prática em sala de aula vivida por professores e alunos (OLIVEIRA, 2008). Guillemas (2004, p. 11 apud OLIVEIRA, 2008) afirma que “o ensino de língua estrangeira é algo a ser questionado sempre em busca de novas soluções, aproveitando as contribuições da análise contrastiva”.

Neste momento, é de suma importância lembrar que este trabalho se propõe a utilizar a HAC e aplicá-la a sistemas vocálicos específicos, baseando-se também em estudos de interferência fonético-fonológica. Não se trata de uma análise contrastiva lexical, como tratado na grande parte dos estudos desta área, por exemplo (Durão e Andrade [2010] e SILVA [2002]), mas de uma comparação puramente descritiva dos sistemas vocálicos do português brasileiro, do inglês norte-americano e do inglês britânico. Portanto, pode-se dizer que os argumentos de Almeida Filho (1995 apud Silva, 2002) não surtem efeito quanto ao construto teórico escolhido para esta pesquisa. Oliveira (2008, p. 2267) afirma: “devemos reconhecer a importância de estudos que tratem da interferência, no sentido de agrupar reflexões que nos levem a contribuir de forma clara e profícua ao ensino de línguas estrangeiras”; e é isso que esta pesquisa se propõe a fazer. Ainda em seu mesmo trabalho, Oliveira (2008, p. 2268) declara que o:

[...] reconhecimento de fonemas da LE em contraste com a LM possibilita a reflexão na hora de interagir comunicativamente. Essa intenção de entrosamento mútuo dos idiomas guia a proposta de comparar os fonemas da língua, propondo uma descrição fonético-fonológica da LM e da LE através de um quadro contrastivo dos fonemas distintos.

Tendo em vista o levantamento teórico feito acima, inicia-se, na próxima seção, a análise contrastiva realizada entre os objetos de estudo da presente pesquisa.

### Português Brasileiro e Inglês: uma análise contrastiva

Através das informações obtidas na revisão de literatura, torna-se possível a realização de uma análise contrastiva entre os sistemas vocálicos de GA (*General American*), RP (*Received Pronunciation*) e BP (*Brazilian Portuguese*); de modo a chegar numa possível conclusão sobre qual das variações é mais similar a BP, a partir do número de vogais existentes em cada inventário.

Em se tratando do número de fonemas vocálicos que compõem os sistemas linguísticos em questão, D'Eugenio (1982, p. 54, apud SCHÜTZ, 2008) e Nobre-Oliveira (2003) declaram que o inglês, em geral, é muito rico em vogais, contendo cerca de duas vezes mais vogais puras que a língua portuguesa, que, de acordo com Silva (2007) e Nobre-Oliveira (2003), possui 7 fonemas vocálicos puros. O sistema vocálico do BP conta com os seguintes fonemas: /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/; enquanto da língua inglesa fazem parte os fonemas a seguir: /ɪ/, /i/, /u/, /ʊ/, /e/, /ɛ/, /ʌ/, /o/, /æ/, /ɔ/, /ɑ/, /ɒ/. Segundo Blank (2008, p. 54), o inglês norte-americano, mais especificamente, possui 9 vogais orais fixas: /ɪ/, /i/, /ɛ/, /æ/, /ɑ/, /ɔ/, /u/, /ʊ/, /ʌ/, conforme é possível visualizar na Tabela 1 a seguir (os fonemas em negrito são aqueles que não pertencem ao inventário vocálico do português):

Tabela 1 – Componentes dos Sistemas Vocálicos

|                        |   |
|------------------------|---|
| Sistema Vocálico do RP | <b>/ɑ/</b> <b>/æ/</b> /ɛ/ /e/ <b>/ɪ/</b> /i/ /o/ /ɔ/ <b>/ɒ/</b> /u/ <b>/ʊ/</b> <b>/ʌ/</b> |
| Sistema Vocálico do GA | <b>/ɑ/</b> <b>/æ/</b> /ɛ/ <b>/ɪ/</b> /i/ /ɔ/ /u/ <b>/ʊ/</b> <b>/ʌ/</b>                    |
| Sistema Vocálico do BP | /a/ /e/ /ɛ/ /i/ /ɔ/ /o/ /u/   |

Ao analisar a tabela acima, é possível perceber algumas diferenças quanto ao número de fonemas entre os três sistemas vocálicos em questão. Conforme podemos observar, GA possui os seguintes fonemas que diferem do sistema do BP: /ɑ/, /æ/, /ɪ/, /ʊ/ e /ʌ/; enquanto as diferenças do RP são compostas por: /ɑ/, /æ/, /ɪ/, /ɒ/, /ʊ/ e /ʌ/. Pode-se perceber, então, que a diferença entre as variações do inglês consideradas neste estudo é que RP possui o fonema /ɒ/, que não é existente na variação GA. De acordo com Giegerich (1995), as palavras que contém /ɒ/ em RP contém, em seu lugar, /ɔ/ ou /ɑ/ em GA. Alguns dos exemplos trazidos pelo autor para ilustrar esse caso, são as palavras *salt*, *cough* e *stop*. Essa diferença aqui ressaltada pode ser caracterizada, segundo o autor, como *phonemic variation*, que se dá quando dois sistemas não compartilham o mesmo número de fonemas e/ou as mesmas relações entre eles.

A partir desta comparação, pode-se afirmar que GA possui menos fonemas diferentes ao BP que RP e, portanto, se aproxima mais do sistema vocálico do português. Contudo, no que tange aos fonemas que não pertencem a BP, a diferença

entre GA e RP é constituída por apenas um fonema, /ɒ/, e, portanto, para afirmar que uma variação é mais fácil de ser aprendida que outra, é preciso recorrer a outros fatores exteriores à língua, uma vez que, do ponto de vista da análise dos sistemas vocálicos, a diferença entre ambas é pequena, senão mínima.

É importante ressaltar também que há uma certa dificuldade em determinar o que é difícil e o que é fácil na aprendizagem de uma LE, uma vez que o processo de aprendizagem, em partes, é bastante individual. Outrossim, vale lembrar que este trabalho toma como base a Linguística Contrastiva, com seus pilares em Lado (1957, apud OSBORNE, 2008), que afirma que quanto maior for a diferença entre as estruturas da LM e da LE, mais difícil será para adquiri-las. Schütz (2008, p. 05) também comenta essa dificuldade encontrada por alunos de inglês como LE quanto à questão vocálica:

Portanto, quanto maior for o número de vogais de uma determinada língua, tanto menor e mais sutil será a diferença entre elas. Desta forma, torna-se muito difícil manter uma distinção clara entre vogais dentro de um inventário tão repleto de fonemas (como no inglês) e, ao mesmo tempo, produzido por um aparelho articulatório tão limitado. [...] o estudante de língua estrangeira será afetado, principalmente quando a língua materna tiver um número de vogais menor do que o número de vogais da língua estrangeira.

Portanto, é um fato empiricamente conhecido por professores brasileiros de EFL (English as a Foreign Language) que o aprendiz brasileiro de inglês possui uma certa dificuldade quanto à aquisição dos sons vocálicos da língua. Parte-se então do princípio de que quanto maior for o número de fonemas vocálicos na língua-alvo, menor (ou mais sutil) será o contraste entre os mesmos, tanto em termos receptivos quanto articulatórios, e, portanto, mais difícil serão suas aquisições por parte de um aluno que possui um sistema vocálico mais limitado em sua LM.

Baseando-se então nas considerações feitas acima de que quanto maior o número de fonemas vocálicos uma língua possui, mais difícil será para distingui-los e adquiri-los, pode-se concluir que a variação britânica do inglês, *RP*, é mais difícil para o aluno brasileiro aprender/adquirir que a variação norte-americana, *GA*, apesar da diferença ser pequena entre ambas.

Deve-se ressaltar, porém, que a questão vocálica não é o único fator que influencia a facilidade na aquisição de uma língua. Há outros fatores que exercem papéis muito importantes, como, por exemplo, a quantidade e a qualidade de *input* recebida na língua-alvo. No caso dos estudantes brasileiros de inglês, sabe-se que a maioria recebe um *input* maior em GA, uma vez que essa é a variação utilizada na maioria dos filmes, músicas e séries televisivas estrangeiras que fazem sucesso no Brasil, através das TVs por assinatura. Crystal (1997, p. 137 apud RAUBER 2010, p. 146) sustenta essa afirmação ao dizer que há um número grande de variações do inglês que são utilizados para comunicação a nível local, mas que, a nível de comunicação internacional, há uma certa variação padrão, a qual é fortemente influenciada pelo inglês norte-americano.

Isto dito, clareia-se a ideia de que o aprendizado de uma LE se dá, apesar de todos os estudos que buscam contribuir para a área, de uma forma específica para cada indivíduo. Contudo, a fim de que seja possível tecer conclusões que possam ser úteis ao público em geral, nos apropriamos da fala de Logan e Pruitt (1995 apud NOBRE-OLIVEIRA, 2010, p. 127) que propõe o termo “generalização do aprendizado” e o define como “a habilidade de transferir o conhecimento adquirido a múltiplas dimensões (tradução nossa)”. Em outras palavras, apesar do aprendizado possuir um caráter individual, também é possível chegar a conclusões que contribuam para sua melhora e que possam ser consideradas aplicáveis aos aprendizes em geral.

## Conclusão

Sob a luz das considerações feitas acima a respeito da teoria de Lado e das variações britânica e norte-americana da língua inglesa, pode-se concluir que a variação denominada GA é a que aparentemente caracteriza maior facilidade para a aprendizagem de alunos brasileiros de inglês. Isso se dá devido ao fato de que a GA possui menos fonemas vocálicos que a RP, o que, levando em consideração que o BP tem um sistema fonêmico mais limitado que o Inglês, faz com que o aluno brasileiro tenha que adquirir uma quantidade menor de fonemas que não pertencem à sua LM, ou seja, torna-se mais fácil alcançar a pronúncia correta dos fonemas vocálicos pertencentes à GA.

Assim como já foi mencionado anteriormente, é importante ressaltar que embora a comparação dos sistemas vocálicos contribua bastante para responder tal questão, ela não é o único fator que decide qual variação da língua é mais fácil. Há inúmeros outros fatores, tanto intrínsecos quanto extrínsecos à língua (como *input* de filmes, músicas, e outros), que devem ser considerados para que se chegue a uma resposta absoluta a respeito de qual variação do inglês é mais fácil para ser aprendida e utilizada com maior proficiência pelo aluno brasileiro.

#### Referências Bibliográficas

BARBOZA, C. L. F. **The English and Brazilian Portuguese front vowel systems by EFL teachers in western Rio Grande do Norte.** In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista.* Florianópolis: Insular, 2010, p. 101-120.

BLANK, C. A. **A transferência grafo-fônico-fonológica L2 (Francês) – L3 (Inglês): Um estudo conexionista.** Fevereiro de 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2008.

BRITO, K. S. **Estudos de produção de fala em L3: O desenvolvimento de um modelo teórico.** In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista.* Florianópolis: Insular, 2010, p. 21-36.

DE GRÈVE, M.; VAN PASSEL, F. **Linguística e Ensino de Línguas Estrangeiras.** São Paulo: Pioneira, 1975.

DURÃO, A.; ANDRADE, O. **Algumas questões referentes à aproximação da Linguística Contrastiva e as Ciências do Léxico.** Revista Trama, volume 6, número 11, 1º semestre, 2010. P. 09-18.

FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. **Aquisição do sistema vocálico: caminhos da L1 e da L2.** II Simpósio sobre Vogais, Belo Horizonte-MG, 2009. Disponível em:  
<[http://relin.letras.ufmg.br/probravo/pdf\\_sisvogais/Giovana\\_Mirian.pdf](http://relin.letras.ufmg.br/probravo/pdf_sisvogais/Giovana_Mirian.pdf)> Acesso em: 11 de março de 2013.

GAST, V. **Contrastive analysis.** In: GAST, V. *The Routledge Encyclopedia of Language Teaching and Learning.* London: Routledge, 2012.

GIEGERICH, H. J. **English Phonology: An Introduction .** Cambridge: Cambridge University Press. 1995, p 43-61.

HALLIDAY, M.A.K.; McINTOSH, A.; STREVENS, P. **As Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

KREIDLER, C. W. **The Pronunciation of English: A Course Book**. 2 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

MOTA, M. B. **Speech production from a psycholinguistic perspective: A review of L1 and L2 models**. In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista*. Florianópolis: Insular, 2010, p. 37-54.

NOBRE-OLIVEIRA, D. **Studies on L2 perceptual training: An overview**. In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista*. Florianópolis: Insular, 2010, p. 121-144.

NOBRE-OLIVEIRA, D. **Um estudo da aquisição de fonemas vocálicos do Inglês como LE**. Anais do 5º Encontro do CELSUL, Curitiba-PR, 2003. Disponível em: <<http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/056.pdf>> Acesso em: 11 de março de 2013.

OLIVEIRA, A. V. B. H. de. **Análise contrastiva fonético-fonológica de línguas próximas: espanhol e português**. In: Congresso Brasileiro de Hispanistas (5: 2008: Belo Horizonte – MG). Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e] I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas / Sara Rojo ... [et. al.], organização. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, p. 2267-2273.

OSBORNE, D. M. **Systematic differences in consonant sounds between the interlanguage phonology of a brazilian portuguese learner of English and Standard American English**. Florianópolis: *Ilha do Desterro*, nº55, 2008, p. 111-132.

RAUBER, A. S. **The learning of English front vowels by native speakers of Mandarin: Perception and production results**. In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista*. Florianópolis: Insular, 2010, p. 145-168.

REIS, M. S. **The assimilation and discrimination of the English /θ/ by European French and Brazilian Portuguese speakers**. In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista*. Florianópolis: Insular, 2010, p. 169-192.

SCHÜTZ, R. **"O Inglês como Língua Internacional"**. English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-ingl.html>>. Online. Acesso em 3 de novembro de 2011.

SCHÜTZ, R. **"Os Fonemas Vogais do Inglês e do Português"**. English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-voga.html>>. Online. Acesso em 4 de novembro de 2011.

SHOEBOTTOM, P. **Language Differences: English – Portuguese**. A Guido to learning English. Frankfurt International School. <<http://esl.fis.edu/grammar/langdiff/portuguese.htm>>. Online. Acesso em 7 de novembro de 2011.

SILVA, E. B. Bloqueios do aprendiz de espanhol/LE: os heterossemânticos. In: CONGRESSO BRASILENO DE HISPANISTAS, 2., 2002, San Pablo. **Proceedings online...** Associação Brasileira de Hispanistas. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000012002000100020&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000100020&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 05 Mar. 2013.

SILVA, F. C. A. **Contribuições da Fonética e da Fonologia ao Ensino de Língua Estrangeira: o caso das vogais altas frontais e do glide /j/ no Inglês e no Português Brasileiro.** 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Língua Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVEIRA, R. **Uma análise da produção acadêmica na área da interfonologia português-inglês.** In: RAUBER, A. S. et al (org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara Baptista.* Florianópolis: Insular, 2010, p. 3-20.

ZIMMER, M. SILVEIRA, Rosane; ALVES, Ubiratã K. **Pronunciation Instruction for Brazilians: Bringing theory and practice together.** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009.